

**Avaliação da Qualidade dos Espaços Livres Urbanos: Estudo de Caso da
Praça Mary de Pinho em Imperatriz/MA**

*Evaluación de la Calidad de los Espacios Libres Urbanos: Estudio de Caso de Praça Mary
de Pinho en Imperatriz/Ma*

Gabriel Moraes da Silva

Mestrando em Arquitetura Paisagística pela URFJ/PROURB, Especialista em Design de Interiores pelo IPOG/GO e Professor na Universidade Ceuma – Campus Imperatriz, Imperatriz/MA
gabriel060236@ceuma.com.br

Marinna Rafaella de Carvalho Sousa Bezerra

Mestra em Geografia pela UFT/TO, Professora na Universidade Ceuma – Campus Imperatriz, Imperatriz/MA
marinna060225@ceuma.com.br

Lara Soares Mateus

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz, Imperatriz/MA
lara104909@ceuma.com.br

Lara Vitória Silva Herenio Bastos

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz, Imperatriz/MA
lara106188@ceuma.com.br

Nayra Gabryella Matos Souza

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz, Imperatriz/MA
nayra100080@ceuma.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma avaliação da qualidade dos espaços livres públicos no município de Imperatriz/MA. O objeto de estudo deste artigo é a praça Mary de Pinho que foi inaugurada no ano de 2015. A pesquisa teve como principal metodologia de desenvolvimento a utilização da avaliação pós-ocupacional (APO), além disso, pesquisa bibliográfica para referencial teórico acerca dos temas de paisagem, espaços livres e tipologias e morfologia de praças para a compreensão e leitura da área de estudo. Para a caracterização da praça e a sua relação com o entorno, foram analisadas as dinâmicas urbanas e o seu entorno. De modo quantitativo e qualitativo, foi realizada uma pesquisa de campo que incluiu visitas e aplicação de questionários aos usuários da praça em diferentes horários de uso e apropriação. Os resultados obtidos, possibilitaram analisar e avaliar a qualidade do espaço livre público, além disso, possibilitou uma reflexão da importância dos espaços livres para cidade e uma análise de critérios técnicos da arquitetura paisagística para futuras melhorias e futuras intervenções na praça.

PALAVRAS-CHAVE: Praça Mary de Pinho. Avaliação pós-ocupação. Espaços livres. Imperatriz.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar una evaluación de la calidad de los espacios abiertos públicos en la ciudad de Imperatriz/MA. El objeto de estudio de este artículo es la plaza Mary de Pinho que fue inaugurada en 2015. La investigación tuvo como principal metodología de desarrollo el uso de la evaluación post-ocupacional (POA), además de la investigación bibliográfica de referencia teórica sobre los temas del paisaje, espacios abiertos y tipologías y morfología de plazas para la comprensión y lectura del área de estudio. Para la caracterización de la plaza y su relación con el entorno se analizó la dinámica urbana y su entorno. De manera cuantitativa y cualitativa se realizó una investigación de campo que incluyó visitas y aplicación de cuestionarios a los usuarios de la plaza en diferentes momentos de uso y apropiación. Los resultados obtenidos permitieron analizar y evaluar la calidad del espacio libre público, además, permitió una reflexión sobre la importancia de los espacios abiertos para la ciudad y un análisis de criterios técnicos de la arquitectura del paisaje para futuras mejoras y futuras intervenciones en la plaza.

PALABRAS CLAVE: Plaza María de Pinho. Evaluación posterior a la ocupación. Espacios libres. Imperatriz.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como pauta central analisar e pontuar os pontos positivos e negativos do estado atual da Praça Mary de Pinho em Imperatriz, Maranhão. E para entender como colocar esta análise em prática, o ideal é conhecer como foi o processo de implantação do espaço e sua relevância no meio inserido.

A praça Mary de Pinho foi resultado da ampliação da avenida Santa Teresa, antes disso, fazia parte do terreno do Centro Educacional Graça Aranha (ver evolução nas figuras 1 a 5). Após a ampliação, a praça começou a ser construída buscando ser espaço de interação e lazer para a população do bairro e regiões próximas. Foi finalizada em 2015 e inaugurada no dia 10 de julho do mesmo ano. Ao término, foi entregue à população no dia do aniversário de 163 anos da cidade, simbolizando uma homenagem a Mary Araújo. A trajetória de vida desta personagem foi um marco local, nascida no dia 9 de março de 1950, em São Domingos – MA, marcou a vida de muitos alunos em sua passagem como professora do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).

A história continua quando na década de 80, Mary Araújo se torna diretora do Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação do Estado do Maranhão (SEAC) – órgão responsável pela distribuição de leites às famílias carentes. Se tornou secretária de Desporto e Lazer durante o governo municipal de José Ribamar Fiquene (1983-1988). E no ano de 1990 foi eleita vereadora engatando no cargo de secretária de Gestão Municipal ao decorrer do mandato do prefeito Ildon Marques (1997-2001), finalizando seus trabalhos como secretária de Educação da cidade.

Desta forma, após tantos feitos para a população de Imperatriz, Mary de Pinho se tornou o nome ideal para o novo espaço urbano da cidade. Localizado na esquina da Rua Simplício Moreira com a Avenida Santa Teresa, a praça ficou vista como o lugar onde é possível compreender processos educativos desenvolvidos nos espaços públicos de lazer, já que se trata de um local de concentração e socialização de crianças, jovens e idosos. Por estar no centro da cidade e ter um entorno privilegiado, se tornou um dos locais mais procurados devido ao fato de atender diversas atividades sociais.

Figura 1 – Futuras implantações da Praça Mary de Pinho (2005)



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2022)

Figura 2 – Futuras implantações da Praça Mary de Pinho (2012)



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2022)

Figura 3 – Preparação do espaço da Praça Mary de Pinho (2014)



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2022)

Figura 4 – Praça Mary de Pinho recém-inaugurada (2016)



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2022)

Figura 5 – Praça Mary de Pinho atualmente (2021)



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2022)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A paisagem pode apresentar diversos conceitos, segundo a ciência. A depender do contexto histórico e da sua aplicação em estudos específicos, como as disciplinas que apontam definições diferentes. Como a exemplo, na Ecologia Clássica e na Arquitetura normalmente o termo paisagem é associado a ambiente. E assim, pode-se definir como a "[...] entidade total visual e do espaço natural e humano, integrando a geosfera com a biosfera e os artefatos noosféricos [produzidos pela mente humana]" (INAVEH; LIFBERMAN, 1994).

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. A dialética tipo-indivíduo é o próprio fundamento do método de pesquisa. [...] Estudar uma paisagem é antes de tudo apresentar um problema de método. A exposição que se segue dá ênfase sucessivamente a problemas de taxonomia, de dinâmica, de tipologia e de cartografia das paisagens. (BERTRAND, 2004).

A lógica própria dos processos do homem se apresenta por expressões físicas (parcelamentos, escavações, plantações, construções, edificações etc.) em expressões físicas que apresentam a lógica dos processos do suporte (geologia e clima, solo, relevo, vegetação e sol, água e ventos). Na paisagem urbana essas expressões físicas se manifestam sobre o solo em espaços edificados e espaços não-edificados. O espaço livre é todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso). (MAGNOLI, 2006, p.179).

Magnoli (1982, apud HANNES, 2016, p.122) define espaço livre como qualquer espaço sem edificações ou urbanização, onde o arquiteto paisagista possa projetar. Podem, também, ser nomeados de espaços abertos, quando se trata de espaços livres de um volume edificado, podendo ser público ou privado, por exemplo ruas e calçadas, parques e praças, quintais residenciais, áreas livres de lazer em condomínios, recuos de construções, pátios internos, estacionamentos descobertos, terrenos baldios, rios, áreas verdes e outros.

“Por conta do processo de urbanização e formação das cidades, toda cidade possui um sistema de espaços livres” (MACEDO, 2011, apud HANNES, 2016, p.123). Diversas tipologias de espaços e formas de apropriação tiveram origem a partir do parcelamento do solo, de

construções e de arruamentos. “Tendo ou não sido criados para uso específico o espaço livre, ou aberto, torna-se palco para diversas formas de expressão da sociedade. São espaços de encontro, lazer, práticas esportivas e manifestações” (HANNES, 2016, p.123).

Hannes (2016, p.124-125) diz que os espaços livres desempenham papéis importantes no que diz respeito à melhoria do ambiente excessivamente impactado pela urbanização das cidades. Podendo ressaltar três funções de maior relevância, sendo elas ecológicas, estéticas e sociais. A função ecológica destaca-se pela presença de vegetação e solo permeável, que permite um certo grau de drenagem das águas da chuva, já a função estética se encarrega da diversificação da paisagem construída e do embelezamento da cidade, enquanto a função social está intimamente relacionada às características ligadas ao convívio em comunidade e ao lazer.

Existem vários tipos de espaços livres, sendo alguns desenhados pela própria natureza e outros pelo homem.

Considerando os espaços livres como os que não são construídos, abertos, de livre acesso ou não à população, pode-se qualificar nessa categoria todo o espaço natural constituído por rios, praias, mares, matas e florestas. Como espaços desenhados pelo homem pode-se citar desde os campos de futebol desenhados com cal em terrenos baldios até os parques mais elaborados por equipes de arquitetos e ecólogos. (HANNES, 2016, p.125).

Ruas, Calçadões, Woonerfs, pátios, praças, pockets parks e parques são alguns dos exemplos de espaços livres urbanos, muitos já são mais comuns e notáveis no Brasil e outros ainda não, mas que possuem grande potencial para implementação no país.

Integrando as definições citadas e adicionando ao conceito adquirido por Sanhotene (2004), os espaços livres são as áreas não edificadas de uma cidade, de propriedade do Município, Estado, União ou de particulares, independentes de sua destinação de uso. Quando destinados à preservação ou implantação de vegetação ou ao lazer público, passam a se chamar áreas verdes, as quais podem ser praças, parques, jardins públicos, arborização urbana etc. podendo ter vegetação de ocorrência natural ou implantada. (TOLEDO e SANTOS, 2007, p.78).

Define-se praça como “lugar largo e espaçoso, ordinariamente rodeado de edifícios” e/ou “meio sociocultural de um determinado local” (Dicionário Priberam, 2022). Segundo Vivian Ecker (2020), as praças são consideradas como espaços públicos de uso coletivo, e com o passar dos anos, se tornaram pertinentes em todas as cidades; antes compreendidas como local para política e vida social, passou a ser principalmente utilizada como ambiente propício às atividades humanas, assim como associar qualidades arquitetônicas e paisagísticas em seu desenho, e se tornar de grande importância para a história da cidade em que está inserida.

Sobre a permanência nas praças, de acordo com Sitte (1992):

Quando se estabelece uma praça, ela ocupa um lugar dentro da malha urbana que, inicialmente é considerado um vazio urbano. No momento em que as pessoas passam a usufruir desta praça, ali se estabelece um espaço, um sentido de permanência. A permanência será resultado das condições de conforto e da existência de elementos urbanos que preservem a escala humana, em uma configuração que contribua para a interação social. (apud ECKER, 2020, p. 6).

As praças podem ser classificadas, segundo MACEDO (2012), apud MACIEL (2016), “além da classificação por tipologias estilísticas (ver quadro 1), Macedo (2012) propõe uma classificação pelas funções das praças brasileiras, apresentada no quadro 2. Para o autor, as praças são classificadas em cinco funções: esportivas, recreativas, contemplativas, comerciais e

mistas, definidas por suas respectivas características, que representam as atividades que ocorrem no espaço e seus equipamentos.”

Quadro 1 – Descrição da evolução das funções das praças no Brasil

PERÍODO	COLONIAL	ECLÉTICO	MODERNO	CONTEMPORÂNEO
FUNÇÃO SOCIAL DAS PRAÇAS	Convívio social		Contemplação	Contemplação
	Uso religioso	Contemplação	Recreação	Recreação
	Uso militar	Passeio	Lazer esportivo	Lazer esportivo
	Comércio e feiras	Convívio social	Lazer cultural	Lazer cultural
	Circulação	Cenário	Convívio social	Convívio social
	Recreação		Cenário	Cenário
				Circulação
				Cenário

Fonte: Robba; Macedo (2010, p. 152), apud MACIEL (2016)

Quadro 2 – Tipologia de praças brasileiras

TIPOLOGIAS DE PRAÇAS PROPOSTAS POR MACEDO (2012)	
FUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
ESPORTIVAS	Principal característica é a prática de esporte, com predominância de quadras poliesportivas, equipamentos de ginástica e pistas para skatismo. Às vezes, com campo de futebol em menores proporções. É a de maior demanda nas comunidades.
RECREATIVAS	Áreas urbanas arborizadas, tendo o playground ou brinquedos infantis como a principal característica. Também tem grande demanda nas comunidades.
CONTEMPLATIVAS	É a praça-jardim tradicional. Sua principal característica são os gramados, caminhos modestos e uma arborização pouco expressiva.
COMERCIAIS	O uso é estritamente comercial, em geral, são quiosques e pequenas instalações para lojas de artesanato e comida. Tipo raro de praça, apesar dos quiosques serem elementos constantes nos outros tipos de praças.
MISTAS	Apresenta um programa de atividades bastante diversificado, com brinquedos infantis, práticas esportivas, quiosques, bancas de jornal, jardins e até pequenos lagos e fontes. Parte significativa das praças contemporâneas apresenta essa função.

Fonte: Macedo (2012, p. 196-197), apud MACIEL (2016)

Após a implantação de uma nova praça, é interessante que seja realizada uma avaliação pós-ocupacional na mesma, para analisar o seu desempenho e o nível de satisfação dos seus usuários.

A avaliação pós-ocupação (APO) se dá pelo conjunto de instrumentos e métodos que são aplicados em ambientes no decorrer do uso, auxiliando na gestão da construção de projetos na medida que as recomendações e os diagnósticos dela desenvolvidos, pode alimentar novas reformas e adaptações de ambientes já em uso e, novos projetos.

A APO, Avaliação Pós Ocupação, diz respeito a uma série de métodos e técnicas que diagnosticam fatores positivos e negativos do ambiente no decorrer do uso, a partir da análise de fatores socioeconômicos, de infraestrutura e superestrutura urbanas dos sistemas construtivos, conforto ambiental, conservação de energia, fatores estéticos, funcionais e comportamentais, levando em consideração o ponto de vista dos próprios avaliadores, projetistas e clientes, e dos usuários. (ROMÉRO, M. A.; ORNSTEIN, S. W. 2003)

Orstein (2013) explica que a APO é importante para os projetos de Arquitetura, pois se trata de um conjunto de métodos e técnicas para avaliação de desempenho em uso de edificações e ambientes construídos que leva em consideração não somente o ponto de vista dos especialistas, mas também a satisfação dos usuários, possibilitando diagnósticos consistentes e completos sobre os aspectos positivos e negativos encontrados nos ambientes construídos e que irão fundamentar as recomendações e as intervenções para os edifícios estudos de caso, também para futuros projetos semelhantes, definindo assim um ciclo realimentado da qualidade no processo de projeto.

Paulo (RHEINGANTZ et al, 2009) fala que a metodologia ajuda no desenvolvimento de uma análise metodológica em relação à qualidade do espaço público, enquanto avalia

sistematicamente os ambientes, gerando propostas para melhorar o bem-estar dos usuários, além de considerar a influência e as consequências das decisões projetuais no desempenho do ambiente analisado.

A APO foi reconhecida devido a sua fundamentação metodológica e pelas recomendações que gera. Esta pode ser utilizada em larga escala, mas para isto, é preciso que ocorra uma precisão na verificação dos problemas existentes nos projetos. Apesar de ser bastante reconhecida no meio acadêmico, pois seus resultados auxiliam na fundamentação e decisões de projetos ou reformas e adaptações de obras já existentes. Os profissionais da área de arquitetura, de urbanismo e de engenharia, utilizam relativamente pouco desses procedimentos metodológicos. Alegam se tratar de longos processos, os quais não estão inseridos no escopo de projeto ou de uma reforma e não são remunerados pelo cliente.

E finalmente buscam-se, metodologias de avaliação com abordagens não convencionais, que consideram outras componentes da avaliação que não é propriamente a aferição física do ambiente construído, mas aquela que trata das diferentes percepções das características que interferem no comportamento dos usuários. (ELALI and VELOSO, 2004; LAY and REIS, 2003 e 2006; MALARD et al., 2003; RHEINGANTZ, 2004).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes metodologias:

Etapa 01 - Pesquisa bibliográfica: foram levantados dados bibliográficos dos temas: paisagem, espaços livres, praças e tipologias, morfologia das praças e avaliação pós-ocupacional.

Etapa 02 - Pesquisa exploratória: foram realizadas visitas técnicas e levantamentos na área, levantamento fotográfico, produção de mapas e croquis esquemáticos da área da praça.

Etapa 03 - Pesquisa quantitativa e qualitativa: foi realizado a aplicação de questionários aos usuários da praça por meio da ferramenta APO.

Etapa 04 – Análise de dados: foram analisados os resultados da APO aplicada e da leitura técnica da área.

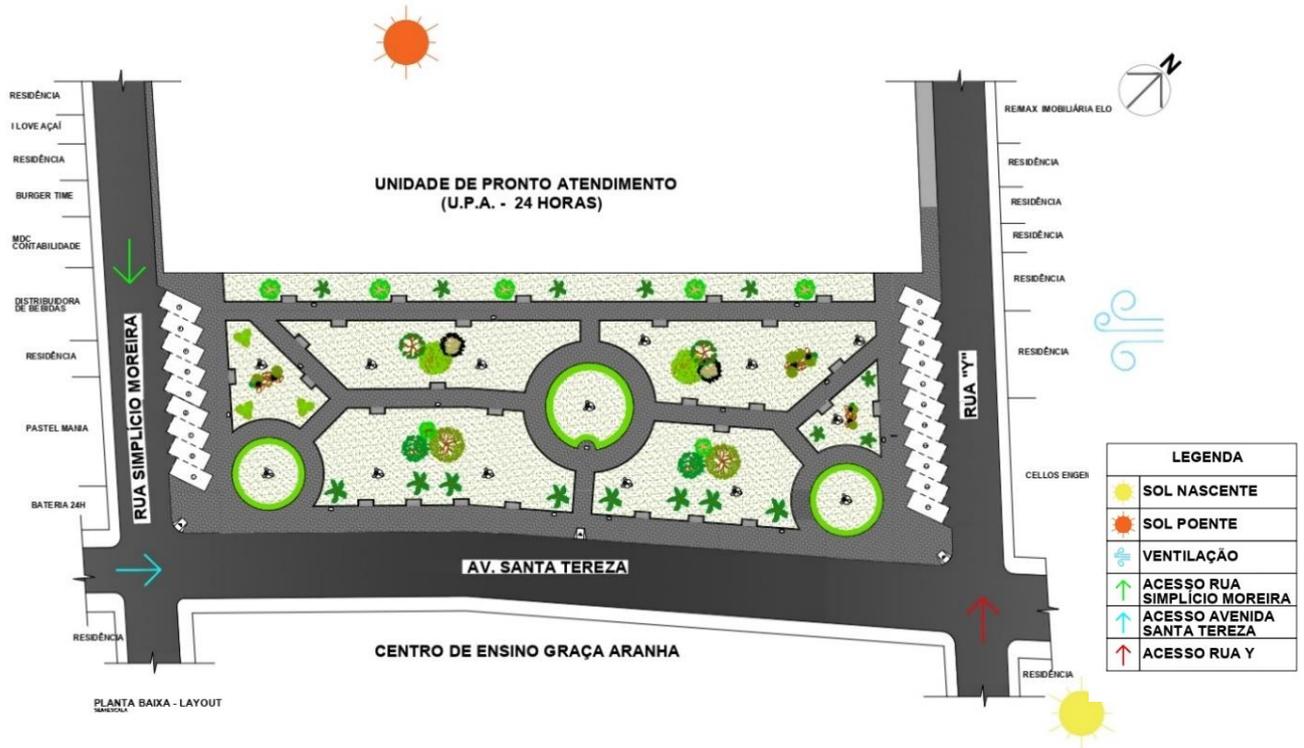
4 APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A praça Mary de Pinho localiza-se no Centro da cidade de Imperatriz, Maranhão, estando atrás da Unidade de Pronto Atendimento (UPA), e tendo como um dos principais acessos a Avenida Bernardo Sayão, uma das principais avenidas da cidade, passando para a Rua Simplício Moreira, além da Avenida Santa Tereza, que foi ampliada para dar, como consequência, espaço a praça. Considerando que o sol aparece todas as manhãs ao Leste, e põe no lado oposto, a oeste, a esquina Avenida Santa Tereza com a Rua Y recebe o sol da manhã, e por conta do prédio da UPA, a praça não recebe uma luz direta no entardecer. Além disso, em Imperatriz, a predominância dos ventos é no sentido Nordeste-Leste durante o dia, o que possibilitaria uma ventilação na praça toda, entretanto, as edificações do entorno dificultam essa circulação (ver condicionantes na figura 6).

A praça conta com uma fonte como elemento central, 3 pergolados além de uma área com academia e parquinho, que não estavam previstos no projeto inicial (ver figura 6) e que foram adicionados (ver figura 7). A pavimentação utilizada foi a de blocos intertravados, com a paginação em espinha de peixe, o que auxilia na permeabilidade da água das chuvas. Ainda contém 27 bancos de madeira, 20 vagas de estacionamento, sendo 09 delas do lado esquerdo –

1 para deficiente - e 11 do lado direito, - 1 para idoso.

Figura 6 – Projeto da praça



Fonte: Prefeitura Municipal de Imperatriz (2014), adaptado pelos autores (2022)

Figura 7 – Alterações feitas no projeto da praça



Fonte: Prefeitura Municipal de Imperatriz adaptado pelos autores (2022)

Após visitas de campo (ver tabela 1), foi possível observar que a praça está descuidada, tendo em vista que não há manutenção periódica no mobiliário, assim como no seu elemento central, a fonte, observou-se também uma quantidade considerável de resíduos, poluindo-a (ver figura 8).

Tabela 1 – Visitas de campo

Dia da semana	Data	Horário	Quantidade de pessoas
Quinta-feira	25/08/2022	23:00	25 pessoas
Sexta-feira	26/08/2022	12:00	0 pessoas
Sexta-feira	26/08/2022	18:00	40 pessoas
Terça-feira	30/08/2022	18:00	35 pessoas
Sábado	03/09/2022	17:40	20 pessoas
Sábado	03/09/2022	19:00	15 pessoas
Quinta-feira	08/09/2022	16:00	0 pessoas
Segunda-feira	12/09/2022	7:30	6 pessoas
Terça-feira	13/09/2022	18:00	30 pessoas

Fonte: Os autores (2022)

Figura 8 – Fonte poluída



Fonte: Os autores (2022)

Além disso, alguns dos mobiliários urbanos estão danificados e inutilizados (ver figura 9 e 10).

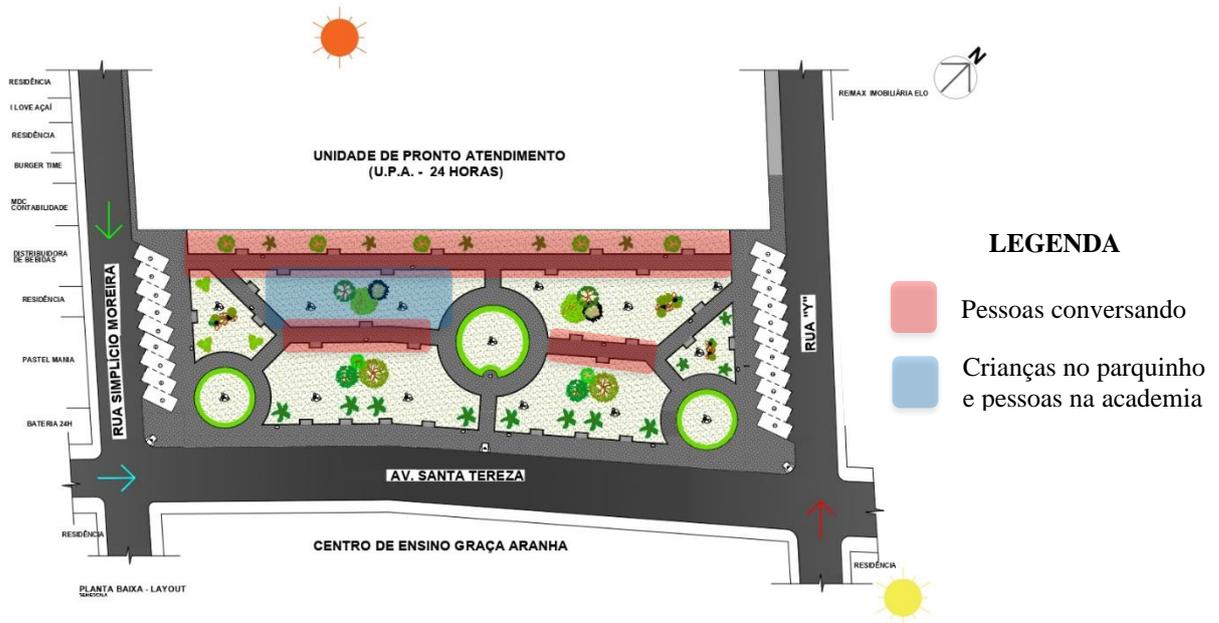
Figuras 9 e 10 – Mobiliários danificados



Fonte: Os autores (2022)

Também foi possível perceber, através das visitas, que as atividades principais são as crianças brincando no parquinho, jovens conversando e namorando nos bancos, e idosos fazendo exercícios na academia, conversando e fazendo caminhada. Além de tudo, conclui-se que o público procura evitar estar nos bancos próximos a Avenida Santa Tereza, tanto pelo fluxo intenso de carros, quanto pela ausência de árvores proporcionando sombras, e por esse motivo eles se concentram na parte posterior da praça (ver figura 11). Notou-se, também, a preferência dos usuários a permanência, principalmente, ao entardecer e no período noturno, tanto pela incidência solar quanto pelo conforto térmico que se tornam mais amenos nesses horários.

Figura 11 – Mapa comportamental



Fonte: Os autores (2022)

A arborização da praça conta com diversas espécies, plantas arbóreas e arbustivas, além de mudas que foram plantadas recentemente (ver tabela 2). Distribuídos ao longo da praça ainda estão mobiliários como lixeiras e bicicletários, ademais, o espaço conta com sinal de internet móvel fornecida pela prefeitura (ver tabela 3), estes estão, em sua maioria, em bom estado de conservação, com algumas exceções, como 1 banco quebrado, algumas das lâmpadas dos postes queimadas e o péssimo estado de cuidado da fonte.

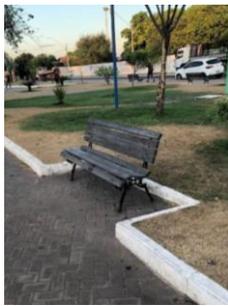
Tabela 2 – Arborização

Imagem	Taxonomia	Imagem	Taxonomia
	Nome popular: Buganville Nome científico: <i>Bougainvillea glabra</i> Família: Nyctaginaceae Categoria: Arbustiva		Nome popular: Agave-furcréia Nome científico: <i>Furcraea foetida</i> Família: Asparagaceae Categoria: Arbustiva
	Muda com espécie não identificada		Nome popular: Grama Esmeralda Nome científico: <i>Zoysia japonica</i> Família: Poaceae Categoria: Forração
	Nome popular: Ixora chinensis Nome científico: <i>Ixora chinensis</i> Família: Rubiaceae Categoria: Arbustiva		Nome popular: Palmeira-azul Nome científico: <i>Bismarckia nobilis</i> Família: Arecaceae Categoria: Arbórea

	<p>Nome popular: Nim Nome científico: <i>Azadirachta indica</i> Família: Meliaceae Categoria: Arbórea</p>		<p>Nome popular: Palmeira-imperial Nome científico: <i>Roystonea oleracea</i> Família: Arecaceae Categoria: Arbórea</p>
	<p>Muda com espécie não identificada</p>		<p>Nome popular: Sagu-de-jardim Nome científico: <i>Cycas revoluta</i> Família: Cycadaceae Categoria: Arbustiva</p>
	<p>Mudas com espécie não identificada</p>		<p>Mudas com espécie não identificada</p>

Fonte: Os autores (2022).

Tabela 3 – Mobiliário

Imagem	Identificação e Quantidade	Imagem	Identificação e Quantidade
	<p>Bancos com assento de madeira e estrutura metálica</p> <p>27 unidades</p>		<p>Bicicletário em estrutura metálica</p> <p>01 unidade</p>
	<p>Lixeiras em estrutura metálica</p> <p>13 unidades</p>		<p>Parquinho de madeira</p> <p>01 unidade</p>

	Academia ao ar livre em estrutura metálica 01 unidade		Pergolados de madeira 03 unidades
	Poste de 4 pétalas ovas 07 unidades		Fonte de água (elemento central da praça) 01 unidade
	Poste com roteador de internet 02 unidades		Placa de identificação 01 unidade
	Placa informativa 01 unidade		Pavimentação em blocos intertravados com a paginação espinha de peixe

Fonte: Os autores (2022).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No dia 13 de setembro de 2022, a partir das 18h foi aplicado um questionário para 20 usuários da Praça Mary de Pinho, onde percebeu-se que em sua maioria, os entrevistados são do gênero feminino, mas a quantidade de entrevistados do gênero masculino é relevante. De acordo com as pesquisas realizadas, a faixa etária predominante entre os usuários que participaram dos questionários é a de 18 a 24 anos, seguida de 15 a 17 anos, demonstrando que o perfil dos usuários da praça é de jovens em sua maioria.

A relação dos usuários da Praça Mary de Pinho se dá, predominantemente, por pessoas que trabalham ou estudam no bairro, devido o entorno da praça possuir escola de

ensino médio, unidade de pronto atendimento, lanchonetes, entre outros, como também por moradores do bairro, a quantidade de pessoas que estavam apenas de passagem e de visitantes de moradores do bairro é relevante. (Gráfico 01).

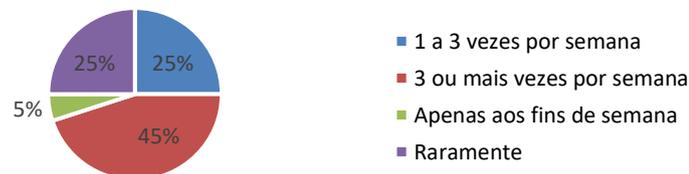
Gráfico 01 – Relação com o entorno da praça



Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

Maior parte dos usuários da praça declararam que utilizam o local em 3 ou mais vezes por semana, provavelmente pelos estudantes do período vespertino da escola vizinha (gráfico 02). Entretanto, o número de entrevistados que frequentam de 1 a 3 vezes por semana e os que vão raramente ficaram empatados com uma quantidade relevante.

Gráfico 02 – Frequência de uso da praça



Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

O uso mais comum é o lazer (gráfico 03), pelo que foi possível observar, os usuários da praça gostam de se utilizar nos bancos para conversar, pois em sua maioria estavam em dupla ou trio. Empatados estão o uso para esperar alguém e para a prática de exercícios, pois há a presença de academia na praça e ela também serve de passagem para pessoas que fazem caminhada, seguidos do uso para lanchar por haver lanchonetes próximas, sendo que uma delas utilizam a praça para acomodar cadeiras e mesas para seus clientes. Mesmo a praça sendo muito próxima a UPA nenhum dos entrevistados possuem relação com a ela.

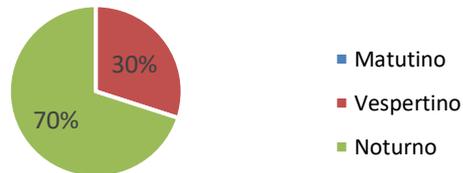
Gráfico 03 – Formas de utilização da praça



Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

Após algumas visitas no local de estudo em diferentes horários, pode-se perceber uma maior movimentação nos períodos vespertino e noturno, por esse motivo as entrevistas foram iniciadas às 18h e finalizadas às 19h. De acordo com o gráfico 04 é notável que o período preferido de uso da praça para os entrevistados é o período noturno, é provável que o motivo seja pela falta de arborização e por conta de que a maioria dos usuários trabalham ou estudam próximos a praça, então vão para ela após o expediente e/ou aula antes de voltarem para as suas casas.

Gráfico 04 – Turnos de utilização da praça

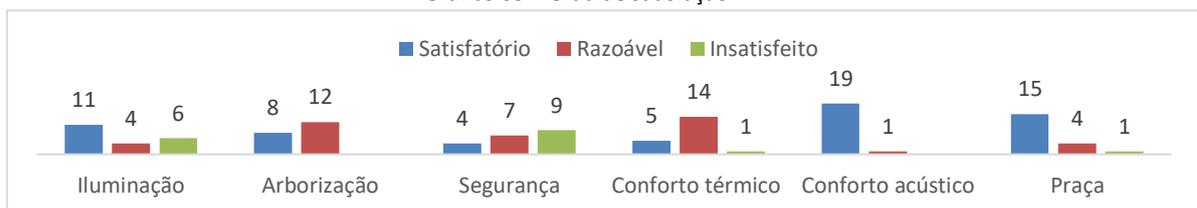


Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

No gráfico 05 consta o grau de satisfação dos usuários com alguns fatores da praça. Em relação ao turno de uso da praça ser predominantemente noturno, os usuários apresentam certo grau de satisfação com a iluminação da praça, mas alguns mencionam que é algo a se melhorar. A maioria se mostrou razoavelmente satisfeitos com a arborização da praça, pois acham que poderia haver mais árvores que proporcionam sombra para assim ajudar no conforto térmico e que deveria ter mais cuidados com a vegetação existente, levando em consideração que boa parte da grama existente está seca. Sobre a segurança da praça maior parte responderam que sentem insatisfeitos com a situação atual, alguns explicaram que assim que inaugurada ela possuía uma maior fiscalização, mas que diminuiu com o passar do tempo. Um dos entrevistados relatou que já tinha sido assaltado enquanto estava no local e que levaram o seu celular.

Sobre o grau de satisfação dos usuários em relação ao conforto térmico (gráfico 05) a maioria considerou razoavelmente satisfatório, pois poderia ser melhor caso houvesse mais árvores para atenuar a incidência solar. A respeito do conforto acústico houve algo curioso, pois mesmo com uma via de alto fluxo e mesmo em horário de pico, foi quase unanime a satisfação dos entrevistados, alegaram que o barulho não os impedia de se comunicar entre si e que também não os incomodavam, mas foi possível notar que não havia pessoas sentadas nos bancos mais próximos a via, apenas nos bancos mais afastados dela. Apesar de todos os prós e contas em relação a praça, a maioria se mostrou satisfeitos com a praça como um todo, pois há o que melhorar, mas nada tão grave que os impeçam de utilizá-la.

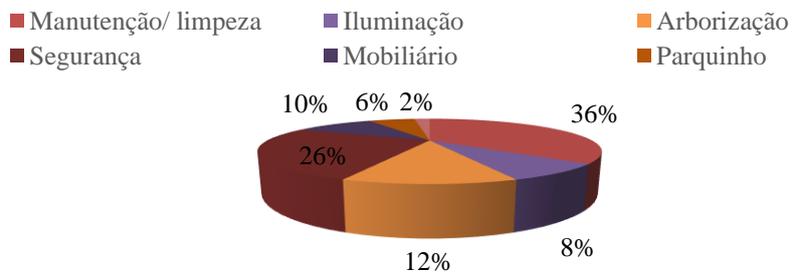
Gráfico 05 – Grau de satisfação



Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

Para finalizar o questionário, foi aplicada uma pergunta de múltipla escolha, onde foram apontadas algumas alternativas que poderiam contribuir para melhoria da praça. Entre as opções a mais selecionada foi manutenção/limpeza, pois os usuários julgam que a praça necessita de mais atenção em relação ao mobiliário, arborização, iluminação e os demais itens apresentados (gráfico 08). Além disso outra melhora bastante requisitada foi a limpeza mais constante, principalmente na fonte, a qual foi apontada como item mais descuidado do local. Isso demonstra que os entrevistados se sentem satisfeitos com a praça como um todo, entretanto acreditam que ela precisa de uma fiscalização mais frequente e cuidado contínuo.

Gráfico 08 – Melhorias requisitadas



Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a Praça Mary de Pinho é um importante espaço livre público para a cidade de Imperatriz, especialmente para os moradores, estudante e trabalhadores do entorno, pois ela possibilita o incentivo do comércio local, assim como a socialização, a prática de exercícios físicos e atividade lúdicas para as crianças. Ainda assim, a praça se encontra em estado de conservação comprometido, necessitando de manutenções periódicas, limpeza mais frequente e de fiscalização, itens que foram os mais citados nas entrevistas realizadas. Para melhoria do local seria interessante o plantio de árvores com copas frondosas para proporcionar mais sombra, possibilitando a utilização da praça em outros períodos do dia e não apenas com caráter escultórico, somado a isso repensar em uma iluminação com alturas diferentes, de forma que as copas das árvores não se tornem uma barreira para a passagem de luz, e com soluções antivandalismo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro N. et al. **A ABORDAGEM EXPERIENCIAL E A OBSERVAÇÃO INCORPORADA E SUAS APLICAÇÕES NA APO**. ENTAC, [s. l.], 2008. Disponível em: http://www2.gae.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/03/entac_abordagem-experiencial-e-obs_2008.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

BARROS, Lia Affonso Ferreira et al. **AVALIAÇÃO DE PROJETO PADRÃO DE CRECHE EM CONJUNTOS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL: O ASPECTO DA IMPLANTAÇÃO**. 2002. Dissertação de Mestrado (Mestre em Engenharia Civil, na área de concentração de Edificações) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, [S. l.], 2002. Disponível em: <https://1library.org/document/yrk3nlvz-avaliacao-projeto-padrao-conjuntos-habitacionais-interesse-aspecto-implantacao.html>. Acesso em: 18 set. 2022.

BERTRAND, Georges et al. **PAISAGEM E GEOGRAFIA FÍSICA GLOBAL. ESBOÇO METODOLÓGICO.** PAISAGEM, Curitiba, 2004. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v8i0.3389>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>. Acesso em: 22 ago. 2022.

DALL'IGNA ECKER, V. **O CONCEITO DE PRAÇA E A QUALIDADE DA PAISAGEM URBANA.** Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 101-110, 2020. DOI: 10.21680/2448-296X.2020v5n1ID19559. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/19559>. Acesso em: 24 set. 2022.

FERNANDES, Ana Cristina Teixeira Dias *et al.* **METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.** 2011. Dissertação de Mestrado (Mestre em Engenharia Civil, especialização em Planejamento) - FACULDADE DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, [S. l.], 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68407/1/000154929.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.

HANNES, E. **ESPAÇOS ABERTOS / ESPAÇOS LIVRES: UM ESTUDO DE TIPOLOGIAS.** Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 37, p. 121-144, 2016. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i37p121-144. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/100413>. Acesso em: 23 set. 2022.

MACIEL, Mariana Altoé et al. **UMA PROPOSTA DE LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA AVALIAÇÃO DE PRAÇAS.** 2016. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração: Processos Urbanos e Políticas Físico-Territoriais) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, [S. l.], 2016. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_10262_Mariana%20Alto%E9%20Maciel20170120-123245.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

MAGNOLI, M. M. **ESPAÇO LIVRE - OBJETO DE TRABALHO. PAISAGEM E AMBIENTE,** [S. l.], n. 21, p. 175-197, 2006. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p175-197. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>. Acesso em: 11 out. 2022.

MARTINS, E de S et al. **ECOLOGIA DE PAISAGEM: CONCEITOS E APLICAÇÕES POTENCIAIS NO BRASIL.** 1ª. ed. Palatina/ DF: Embrapa, 2004. 35 p. Disponível em: https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPAC-2009/26898/1/doc_121.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

PAISAGEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paisagem/>. Acesso em: 22/08/2022.

PRAÇA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Porto: Priberam Informática S.A., 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/praca> >. Acesso em: 24/08/2022.

PEREIRA, J. M.; Oliveira, A. B. **O QUE SE VÊ E O QUE SE APRENDE: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho.** InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 253-272, 2017. DOI: 10.18764/2446-6549/interespaco.v2n6p253-272. Disponível em: <http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6496>. Acesso em: 23 set. 2022.

SINFRA. **CONSTRUÇÃO DA PRAÇA NA AVENIDA SANTA TEREZA.** 2014. Disponível em: <https://www.sinfra.ma.gov.br/>. Acesso em: 02 set. 2022.

TOLEDO, FABIANE DOS SANTOS et al. **ESPAÇOS LIVRES DE CONSTRUÇÃO.** Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 3, ed. 1, p. 73-91, 1 mar. 2008. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v3i1.66254>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revsbau/article/view/66254/38130>. Acesso em: 11 out. 2022.

VILLA, Simone Barbosa; ORNSTEIN, Sheila Walbe. **AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO) E NOVAS TECNOLOGIAS: PESQUISAS EM CURSOS E PERSPECTIVAS FUTURAS.** PROJETO, TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/SL/21721.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.